

«PERFEITO, PERFEITO, ERA SER ... ACEITE E ADMIRADO POR TODOS» - PORTUGAL NA ENCRUZILHADA IDENTITÁRIA

por

José Gabriel Pereira Bastos*

Resumo

Partindo de uma análise baseada nos conceitos de trauma identitário e de obsessão identitária nacional, apresentamos diferentes interpretações históricas do suposto “*atraso nacional*” bem como o debate identitário, não assumido, em que se cruzam as mais diversas propostas de fuga a esse “*atraso*” através de alianças políticas divergentes, dentro e fora da Europa, com a Espanha ou contra Castela. Contrastamos esse debate ideológico com os resultados da única pesquisa que se lembrou de recolher as representações sociais identitárias dos portugueses, a partir de uma amostra nacional (Bastos, 1996, 2000), representações essas fortemente divergentes do ensaísmo de historiadores, etnógrafos e intelectuais. Inovando o debate identitário, foi testada, em governos recentes, uma proposta tecnocrática de substituir a política e o confronto ideológico por um deslocamento da imagem de Portugal a ser promovida por especialistas do marketing identitário.

Palavras-chave

*Obsessão identitária
nacional
Trauma identitário
Debates identitários
Estratégias
identitárias*

Abstract

Introducing an analysis supported by the concepts of Identity Trauma and Nacional Identity Obsession, we present various historical interpretations of the supposed “*national retard*” and the non-assumed Identity Debate crossing divergent ideological proposals to escape from that “*retard*”, using new political alliances, inside and outside Europe, within Spain or against Spain. As a form of scientific control, we contrast that Identity essaysm with the results of the unique sociological research, based in a national sample, that obtained the social identity profile of the Portuguese (Bastos 1996, 2000), showing that national identity representations are quite divergent from the essayism produced by historians, ethnographers and intellectuals. Innovating this Identity Debate, in recent times, a technocratic proposal to substitute politics and ideological confrontations by a displacement of National Image to be promoted by specialists of Identity Marketing was tested in the main streets of Lisbon.

Keywords

*Nacional identity
obsession
Identity trauma
Identity debates
Identity strategies*

* *Professor associado com Agregação em Antropologia e Psicanálise (reformado da FCSH), é especialista em Antropologia do Simbólico e em Antropologia dos Processos Identitários. Co-fundador do CEMME (2000-08) e do CRIA (2008) e investigador da rede internacional IMISCOE (2004-2010) é, simultaneamente, psicanalista aderente da APPPA (Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Analítica), com formação na SPG (Sociedade Portuguesa de Grupandálise, 1970-74) e na SPP (Sociedade Portuguesa de Psicanálise, 1988-91) - (jose.bastos@fch.unl.pt).*

1. A obsessão dos portugueses pela (investigação da) Identidade Nacional

Em 1934, um ideólogo do Estado Novo salazarista escrevia: *“Quando dois portugueses cultos se juntam à mesa dum café sucede com frequência a conversa recair sobre o destino da nacionalidade. Não sei de país em que esse facto se dê tão naturalmente. É como se a interpretação da história, a análise da psicologia do povo, o balanço das condições políticas e económicas, a interrogação do futuro, fossem motivos de preocupação quotidiana.”* (Osório de Oliveira, 1934: 15-16).

Mais recentemente, um intelectual da democracia reinante sublinhava, convergentemente: *“(…) qual é a imagem que o estrangeiro, na minha experiência, tem de Portugal? É a imagem, por exemplo, a partir da leitura de um romance português, e isto é uma coisa que me dizem com muita frequência, que Portugal (…) tem uma cultura que passa o tempo a preocupar-se com o que é ser português.”* (Prado Coelho, in Silva & Jorge, 1993: 41-42)

Preocupação de algum modo intemporal, obsessão cultural pela identidade nacional? De certa forma, é o que igualmente afirma um conhecido antropólogo quando repensa a história da antropologia portuguesa: *“(…) desde a sua origem no movimento romântico (…) até à obra de Jorge Dias e os seus colaboradores, o ímpeto teórico central subjacente ao esforço de recolha e estudo da sociedade e cultura populares foi sempre a busca da identidade nacional: a procura de uma autenticidade validadora do «povo» identificado com o Estado-nação.”* (Pina Cabral, 1991: 40-41).

Trata-se, em parte, de uma preocupação paradoxal, apenas atribuível à obsessiva comparação dos portugueses, por um lado, com o seu passado «glorioso» perdido, por outro lado, com a relativa modéstia da sua posição actual no contexto internacional, uma vez que, como afirma o mesmo autor, não existem problemas derivados da pluralidade interna: *“De facto, por oposição à maior parte dos Estados-nações europeus, a unidade nacional portuguesa é um dado absoluto.”* (idem: 93).

2. Portugal: um país em perigo?

Se a unidade nacional portuguesa é hoje um dado absoluto (o que não é evidente), esse facto, garantido pela adesão à União Europeia (1985) é excessivamente recente. Envolvido nos «jogos de guerra» europeus, Portugal permaneceu, na Europa, sob a permanente ameaça de ser engolfado por Castela (pelo menos de 1383 até à segunda Guerra Mundial), o que obrigou a complexos jogos de aliança com diferentes casas reais europeias, os quais foram pagos «com língua de palmo». Com a fragilização inerente à perda da independência (1580-1640) e ao prolongado esforço da *Restauração* nacional, começou o saque militar e diplomático das possessões coloniais asiáticas, africanas e sul-americanas por holandeses, franceses, ingleses e espanhóis. Os traumas seguintes são conhecidos: a independência do Brasil (1822) veio secar os cofres nacionais e precipitar uma guerra civil [1828-1834]. O *Ultimatum* inglês [1890], que impediu a união de Angola com Moçambique, revelou-se extremamente humilhante para o orgulho nacional. E a recusa de negociar atempadamente a descolonização, retardando-a ingloriamente [1958-1974] veio estilhaçar um País que, dado a política integracionista do Estado Novo, era visto por muitos portugueses como indo do Minho a Timor.

Aparentemente, o trauma identitário dos portugueses seria eminentemente histórico e político; tendo-se antecipado na expansão tricontinental para a África, para as Américas e para a Ásia, Portugal foi engolfado pelo expansionismo imperial de Castela [1580-1640] e, seguidamente, arrastado com a Espanha para um período de decadência e, sobretudo, de dependência política em relação a Inglaterra que o impediu de acompanhar a Revolução Industrial nascente.

No entanto, visto de fora, pelo olhar evolucionista de um geógrafo alemão, o problema dos portugueses decorria de serem não apenas mediterrânicos e, portanto, «atrazados», aprisionados na «fase da tradição ou do costume», mas de o seu «carácter» mediterrânico estar reforçado por esse mesmo trauma histórico, em que o orgulho descambou num «presente desesperadamente modesto».

“Os povos do Sul da Europa encontram-se ainda em grande parte na fase psico-cultural que E. Friedrich chamou a fase da tradição ou do costume. A atitude dos portugueses é, em muitos aspectos, semelhante à dos espanhóis, dos italianos do Sul ou dos Gregos; [...] Os povos da Europa do Sul encontram-se em vias de transição para a fase psico-cultural do conhecimento racional, que corresponde à civilização mecanicista. O Italiano do Norte, o Catalão e o Basco estão adiantados neste caminho em relação ao Português; Portugal possui, em consequência, uma estrutura menos diversificada que a Espanha ou a Itália[...] A tradição imprime à vida nacional deste povo uma feição acentuadamente retrospectiva. Os Portugueses orgulham-se de o seu País ter sido, há quatro séculos, a primeira potência mundial. Mas esta visão passadista constitui menos um incentivo para a acção do que uma espécie de refúgio; é a compensação que lhes oferece a imaginação, frente a um presente desesperadamente modesto. [...] A atitude dos portugueses em relação ao tempo, tão diferente da dos habitantes da Europa central, faz com que a paisagem deste País se modifique muito lentamente.” [H. Lautensach, 1932, in O. Ribeiro, H. Lautensach e S. Daveau, 1996, III: 641-643]

3. Portugal na encruzilhada identitária

Colocado historicamente na semi-periferia do sistema-mundo, atravessado por dinâmicas identitárias que o transcendem, Portugal sempre hesitou entre um certo número de alternativas identitárias, em busca da melhor aliança que protegesse a sua subalternidade ou na procura da construção de um nicho identitário que pudesse voltar a liderar.

Actualmente, podemos distinguir pelo menos oito dessas alternativas, às quais se associam diferentes segmentos sociais, interesses e forças mediáticas, dando origem a configurações de geometria variável, tanto mais que frequentemente se associam em constelações identitárias multidimensionais.

1) o *mediterraneanismo católico*, assente no eixo Fátima-Vaticano, o qual ensaia conquistar a juventude, multiplicando iniciativas que articulam a repressão sexual, com a alegria, a generosidade, o turismo religioso, o missionarismo e a fantasia de exemplaridade;

2) o *familialismo patriótico*, que propõe a exemplaridade da maneira de ser sociável, sincrética, «pacífica» e assimilativa dos portugueses, denegando as divisões internas (classistas, regionalistas, ideológicas);

3) o *anti-castelhanismo primário*, com elevada difusão popular, mas sem qualquer contrapartida no nível da acção (ver adiante);

4) o *iberismo oportunista*, sempre relançado em tempos de crise, nestes últimos anos a nível jornalístico, com base em sondagens de opinião claramente manipulativas;

5) o *européismo pragmático*, representado na maçonaria e nas elites políticas que lhe estão associadas a nível parlamentar, aceite como um dado conveniente que não suscita entusiasmo nem aversão;

6) o *terceiro-mundismo internacionalista*, anti-capitalista e emancipatório, adversário da globalização, actualmente em perda, depois da desilusão africana, se bem que mantendo os seus ídolos exemplares, em Cuba e nos movimentos baseados na Teologia da Libertação e na emancipação indigenista;

7) a *lusofonia*, como reincarnação do luso-tropicalismo, tomando como seu ícone a emancipação heróica de Timor;

8) a *reconstrução identitária publicista* de uma «nova identidade» norte-atlântica de «sucesso», desta vez anglófila e de costas voltadas ao Sul (mediterrânico ou luso-tropical) em corte com as identidades tradicionais, secretamente orientada para o retorno monárquico liberal (ver adiante).

Estas constelações são instáveis e muito sensíveis às variações dos contextos internacionais e da arena identitária interna. Por exemplo, o familialismo patriótico, o mediterraneanismo católico, o anti-castelhanismo primário e algum entusiasmo pela lusofonia podem facilmente congregar-se nos adeptos dos partidos parlamentares de centro e direita. E os mesmos vectores, substituindo o mediterraneanismo católico por resíduos de terceiro-mundismo internacionalista, emocionam a visão do mundo de adeptos da esquerda portuguesa socialista e comunista.

Algumas destas alternativas identitárias têm, já no século XXI, sido tacticamente reforçadas mediaticamente, por mecenas que raramente dão a cara. Analisaremos, mais adiante, algumas dessas campanhas.

4. O Portugal Ibérico, de Almeida Garret aos nossos dias

Apesar da constante ameaça de Castela, a ascensão colonizadora e económica dos norte-europeus e o colapso da Espanha Imperial veio acender em alguns intelectuais uma angústia identitária associada à «*decadência dos povos peninsulares*» e suscitar um empenhamento Ibérico que nunca teve muitos adeptos e quando os teve, teve-os em contextos e com motivações e projectos muito diversos. Frequentemente, o Iberismo português é associado ao nome de Antero de Quental [1842-1891]. Mas o Iberismo socialista revolucionário e popular de Antero é um Iberismo republicano e federativo, de raiz maçónica, assumido aos 26 anos [1868], num contexto de adesão a um movimento revolucionário espanhol momentaneamente vitorioso mas que foi revertido poucos anos depois. Não por caso, o seu artigo de Novembro de 1868 intitula-se “*Portugal Perante a Revolução de Espanha - Considerações sobre o Futuro da Política Portuguesa no Ponto de Vista da Democracia Ibérica*”. Nas célebres Conferências Democráticas de 1871, Antero retoma a questão, ao optar por analisar as Causas da decadência dos povos peninsulares nos três últimos séculos, referenciando a decadência nacional à monarquia e ao catolicismo. É importante reter que, nesta fase, o projecto iberista é reforçado pelas emoções decorrentes da ruptura com a Inglaterra, devido à humilhação do *Ultimatum* inglês, e é tudo menos Unionista. Bem pelo contrário, na perspectiva Federacionista, é Castela que perde a hegemonia e, através da autonomização das autonomias, que a fragmentaria, seria Portugal que surgiria como «*a maior e mais forte unidade do conjunto*», o que levaria a «*estabelecer em Lisboa a capital da Federação Ibérica*». Não admira que um projecto tão «*sonhador*» como calculista não encontrasse eco em Castela e caísse no esquecimento histórico.

Perdido o elã político, o Iberismo dos Republicanos dilui-se, ainda antes da proclamação da República [1910-1926] em debates etnológicos ambivalentes sobre os graus de semelhança ou diferença entre os «*génios*» dos dois povos peninsulares (tomando Castela como referente binarizante, mesmo quando reconhecem a diversidade dos povos da Península). Mantendo a mesma raiz maçónica, o entusiasmo revolucionário transformou-se em intelectualismo analítico, preocupado identitariamente com as diferenças de «*génio*» e de carácter, atribuídas, ao gosto da época, a «*uma dose maior de sangue céltico ou celta (...) que gira em nossas veias, de mistura com o nosso sangue ibérico.*» [Oliveira Martins, 1879 [1972:19]]

“A questão da raça lusitana apresenta-se-nos pois nestes termos: há uma originalidade colectiva no povo português, em frente dos demais povos da Península. Cremos que a há circunscrita porém a traços secundários. Cremos que as diversas populações da Espanha, individualizadas sim, formam no seu conjunto um corpo etnológico dotado de caracteres gerais comuns a todas elas. A unidade da história peninsular, apesar do dualismo político dos tempos modernos, é a prova mais patente dessa opinião. [...] Há no génio português o que quer que é de vago e fugitivo, que contrasta com a terminante afirmativa do castelhano; há no heroísmo lusitano uma nobreza que difere da fúria dos nossos vizinhos; há nas nossas letras e no nosso pensamento uma nota profunda ou sentimental, irónica ou meiga, que em vão se procuraria na história da civilização castelhana, violenta sem profundidade, apaixonada mas sem entranhas, capaz de invectivas mas alheia a toda a ironia, amante sem meiguice, magnânima sem caridade, mais que humana muitas vezes, outras abaixo da craveira do homem, a entestar com as feras. Trágica e ardente sempre, a história espanhola difere da portuguesa, que é mais propriamente épica: e as diferenças da história traduzem as dissemelhanças do carácter.” [Oliveira Martins, 1879 (1972: 18-19)]

Começadas as análises ao sangue (sendo que a «*pureza de sangue*» é uma obsessão tipicamente castelhana), instaura-se o caos intelectual. Adolfo Coelho (1890) reinterpreta a decadência nacional já não como resultante histórica do catolicismo e da monarquia, mas como um efeito do «*elemento semítico da nossa etnogenia*» [1890 (1963: 693)]. Teófilo Braga, antecipando o movimento de formação da União Europeia, recua na história até às camadas pré-célticas, unificadora do espaço que vai dos Urais ao Atlântico, a qual nos filiaria em camadas turanianas ou cito-mongólicas que teriam invadido a Rússia e influenciado, a partir da Caldeia e da Acádia, «*o elemento líbio e ibérico do Mediterrâneo*» de onde derivam «*as tribos ibéricas da Península*». [Teófilo Braga, 1885, I, 76 e 111]. E Mendes Corrêa, numa linha lamarkista, converge para a teoria de que existe um «*génio líbio-ibérico*», o qual associaria os peninsulares aos berberes, «*até aos confins do deserto líbio*» [Mendes Corrêa, 1919: 143-144]. Paradoxalmente, seria

exactamente esta etnogénese que conduziria à decadência dos povos peninsulares:

“A independência – eufemismo com que Oliveira Martins definiu no carácter hispano-berbere o orgulho rebelde – fez na Berberia a anarquia permanente, na Península o separatismo regionalista, a desorganização política e social, a decadência nacional após uma fase efémera de hegemonia.” [Mendes Corrêa, 1919: 148]

Na linha oposta, que desembocará no luso-tropicalismo de Gilberto Freyre e na «civilização luso-cristã» de Jorge Dias, a distanciação «etnológica» do «sangue ibérico» (leia-se: castelhano) e a viragem para fora da Península (leia-se: de costas para Castela) são atribuídas a uma etnogénese ainda mais mestiça, em que, polarizando o Norte com o Sul, num «temperamento paradoxal», confluem sangues celtas, germânicos e orientais (mediterrâneos e berberes). Fugindo da filiação hispano-berbere, que se revela vexatória aos olhos dos Norte-europeus, por mais que Mendes Corrêa se defenda dessa «humilhação», racionalizando-a, a nobilitação germânica do sangue português é uma produção central da obra antropológica de Jorge Dias, formado na Alemanha.

“Assim, o Dr. Rech (...) pretendeu explicar a natureza expansiva dos portugueses, como sendo uma consequência do sangue germânico, que nos ficou de períodos históricos anteriores à nacionalidade. (...) Parece-me pois, que, quem classifica os povos latinos de falta de sentimento da natureza é porque desconhece o povo português e a sua cultura, que com a sua feição introversa se aproxima mais de outros povos nórdicos, do que à primeira vista pode parecer.” [Jorge Dias, 1942: 3 e 14]

Passado o período especulativo sobre «sangues», etnogenias, raças, «génios» e caracteres (do Republicanismo oitocentista ao final do Salazarismo, avesso às veleidades Iberistas da maçonaria, que extinguiu por decreto), o novo Iberismo surge em Portugal como uma produção mediática do período pós-revolucionário, carente de ideologias mobilizadoras. Em 2006, José António Saraiva, após fundar um novo semanário, o Sol, defende em artigo de fundo a união política com Espanha, e «prova», através de um inquérito de opinião, cuja análise é fortemente manipulativa, a receptividade dos portugueses a essa «ideia» (embora essa receptividade seja passiva, não exceda os 28% e não haja qualquer partido ou corrente que a promova). O facto de que a revista *El Tiempo* tenha reciprocado com uma sondagem, datada de 17 de Outubro de 2006, em que mais de 45% dos espanhóis eram a favor da fusão de Portugal e Espanha, desde que, para 80%, a capital ficasse em Madrid, não provocou impacto. Pelo contrário, a declaração pública de um ministro que se declarou «iberista convicto» e a notícia da «adesão» de José Saramago ao Iberismo aqueceram os ânimos. Tanto bastou para abrir uma proliferação de opiniões mediáticas que depressa se apagou, embora debates, posicionamentos e provocações tenham continuado, durante uns meses, em blogs da Internet, e tenham suscitado um interessante diálogo de surdos, fortemente provocatório, entre comunicantes narcísicos de ambos os países.

Como sonhar (ou ter pesadelos) não é um monopólio dos intelectuais e dos políticos, convém escutar as vozes que vêm de outros quadrantes, manifestando a força fantasmática de antigas megalomanias e impedindo o avanço de qualquer projecto viável. Por um lado, em Portugal, o sonho heróico de raptar Galiza das «garras» de Espanha e criar, contra Castela, uma «Portugaliza» alargada até à Biscaia, ressuscitando a seguir a velha união transoceânica com o Brasil.

“O único iberismo que defendo é aquele que opta pela religação dos laços entre Portugal e a Galiza e criação de uma “Portugaliza” que recentre nas costas atlânticas o centro de gravidade que Madrid e a imperial Castela têm muito que ficaram no centro da Meseta. Reformado que seria essa pátria renovada do galaico-português, Portugal devia de seguida procurar uma União Política com o irmão continental transoceânico que é o Brasil. Esse é o meu Sonho... Mas de que vale o mundo sem os nossos Sonhos? E que é feito de Portugal agora que lhe foram tirados todos os grandes objectivos e sonhos? Ficámos tornados num apêndice de Castela? É isto que queremos para nós?” [interventor anónimo, reagindo à polémica digital em movv.org/2006/02/15/o-novo-iberismo-2]

Por outro lado, a partir de Espanha, o sonho eufórico da anexação triunfal, do terminar com a «rebeldia» começada por Afonso Henriques, e de extinguir a língua portuguesa bem como toda a diversidade

linguística de «*España*», acentuando a afirmação da humilhação económica dos portugueses e confirmando os piores pesadelos nacionais. Trata-se de um «*artigo de opinião*» tão perfeito, do ponto de vista da provocação de uma reacção anti-iberista em Portugal [*Arriba España: Finalmente Portugal se rindió*], que seria interessante saber se é autêntico ou se é um produto de contra-informação fabricado para esse fim, num sítio português chamado «*área militar*», declaradamente nacionalista.

“En una encuesta de un periódico portugués, se ha concluido que un en cada tres portugueses desea ardientemente cambiar su nacionalidad para tornarse ciudadano Hispano de derecho. Todos los españoles de corazón, deben unirse en un agradecimiento a Dios, por nos permitir ver, finalmente la tan deseada unión integral de nuestra nación, con la inclusión en la sagrada España, de la provincia rebelde de Portugal. (...) La unidad de España, tantas veces rota por traidores, como Alfonso Enriques, el rebelde portugués que declaró ilegalmente la independencia de una parte de España, y nos robó aquel trozo de nuestra Patria, volverá así a ser repuesta. La reunificación final, se da ahora y no antes, porque fue necesario a la provincia rebelde, esperar varios siglos, en que se transformó en el más miserable y pobre de los estados de Europa, para que su pueblo entienda que se lo han engañado. Portugal, consiguió llegar a un punto de decadencia tal, que está por debajo de gran número de países del llamado tercer-mundo en casi todos los análisis posibles sobre desarrollo humano. Hemos llegado al punto en que los portugueses decidieron dejar la independencia, a favor de tener mejores servicios, mejores condiciones de vida, y además vivir en un país respetado por toda la humanidad, en vez de un rectángulo de tierra que nadie sabe adonde está. Ahora, un nuevo trabajo espera a todos los patriotas Hispanos, incluso los de Portugal, para de una vez por todas acabar con todos los disparates lingüísticos que todavía son problema en nuestra Patria. Es necesario acabar con las ideas de los traidores separatistas de las provincias Vascongadas, ó de las provincias de Cataluña. Este proceso, junto con el fin de la lengua portuguesa, en todo el territorio Hispano, va tener que comenzar tan pronto cuanto posible.” [Francisco Fraga, 30.09.2006, in <http://www.areamilitar.net/opiniao/Opiniao.aspx?NrNot=106>, consultado em 10.2.08]

A redução governamental do escândalo provocado pelo facto de um ministro se declarar Iberista foi rapidamente abafada pelo Primeiro Ministro português, que discursou para afirmar a importância dos ministros terem “*visões partilhadas com os dirigentes políticos espanhóis em termos de gestão dos recursos naturais, de articulação dos planos hidrológicos, e também de articulação do plano de desenvolvimento infra-estrutural*” nacional. Reduzido o Iberismo à governância de recursos comuns, a paixão extinguiu-se e há muitos meses que ninguém ouve falar de semelhante assunto.

5. O Portugal Mediterrânico, de Orlando Ribeiro

A filiação na malograda civilização greco-romana constitui tradicionalmente o esteio para a glorificação identitária do espaço do Mediterrâneo, subsumindo magicamente no nome de uma área geográfica (relativamente arbitrária, como todas elas) «*virtudes*» que lhe seriam inerentes, dada a Natureza do Lugar e, conseqüentemente, das Gentes. A identificação com o «*renascimento*» italiano liderado por Mussolini e com a magnificação hitleriana das Coortes de Roma, acompanhada pela desvalorização identitária da Revolução Industrial Norte-Europeia e dos seus autores, aparecem como sombras por detrás do entusiasmo mediterrânico que transparece na obra de Orlando Ribeiro, líder da Geografia Portuguesa, contemporâneo do «*Estado Novo*» Salazarista.

“A que se deve a decadência que, a partir da Antiguidade, extinguiu lentamente o privilégio mediterrânico de conduzir a história do Ocidente? [...] Mas será esse aparente declínio um facto incontroverso ou uma ilusão de perspectiva? [...] O que existe, de facto, é uma incapacidade dos povos mediterrânicos acompanharem o progresso técnico que, desde a revolução industrial, na passagem do século XVIII para o XIX, fez a fortuna dos países da Europa média. Mais ainda, uma insubmissão aos valores mais prezados do mundo actual, o gosto de certa pobreza altiva, o apego a actos gratuitos (não carregar por dinheiro a mala do viajante, mas desviar-se amavelmente para o levar ao sítio que procura), o prazer das relações humanas a que se sacrificam tempo e lucro, uma fantasia tenaz que gera a indisciplina e a revolta contra a rigidez com

que se pretende impor às massas o que se imagina fazer a sua felicidade. O homem que trabalha afinado como uma máquina, que se alimenta segundo os preceitos da melhor dieta e não segundo os caprichos do apetite, que não se diverte ou descansa como lhe dá na gana, mas aceita a organização mais conveniente aos seus ócios, que não põe gosto e brio no acabamento de uma tarefa humilde, mas executa como um autómato, os gestos que lhe garantem o melhor rendimento, representa, para o obscuro sentir de uma gente amante da liberdade e da diversidade da vida, o reverso dos seus ideais. [...] numa zona onde a beleza do céu, a doçura do Inverno e a serenidade do Estio, ocultam uma natureza só vencida à custa da tenacidade de argúcia e de duro esforço; pão que se come e parcamente, com o suor do rosto, onde, mais do que a avidez, a sobriedade e a resignação exprimem o gosto de viver. A coexistência da penúria material e dos mais nobres valores humanos de qualquer tradição coloca a civilização mediterrânica na sua verdadeira luz: ela é, acima de tudo, uma grande vitória do espírito. [...] Educado no respeito de muito antigos valores de civilização, o mediterrâneo não sacrifica incondicionalmente ao tempo e ao dinheiro, à eficiência – os três grandes ídolos do mundo moderno – a razão da sua vida. Uma aragem de liberdade e de fantasia desce ainda por vezes do claro céu.” [Orlando Ribeiro, 1943 [1987]: 304-306, 312 e 28]

No Portugal Mediterrânico de Orlando Ribeiro, o anti-castelhanismo primário dissolve-se em loas ao Grande Sul, na medida em que a ferida identitária provém dos Norte-Europeus e da Civilização da Máquina, do Dinheiro e da Eficácia.

6. O Portugal Atlântico na encruzilhada étnica e o Luso-Tropicalismo de Jorge Dias

A necessidade identitária de, em simultâneo, «*voltar costas a Castela*», ao Mediterrâneo castelhano e ao mundo anglo-americano, para poder continuar a competir imaginariamente com os grandes Impérios em fim de estação, tem a sua figura maior em Jorge Dias.

“Embora a origem da Nação se deva também à política, à vontade de um príncipe, [...] a unificação e a permanência da Nação deve-se ao mar. Foi a grande força atractiva do Atlântico que amontoou no litoral a maior densidade de população portuguesa do Norte, criando como que um vácuo para o interior. Desde Caminha a Lisboa estabeleceram-se inúmeras amarras que defenderam Portugal da força centrípeta de Castela. Mas foi sobretudo o estuário do Tejo, esse forte abraço do mar com a terra, que definitivamente presidiu aos destinos de Portugal. Não houve o domínio de uma região sobre outras, antes se encontraram todas num ponto natural de convergência [...] A este facto deve Portugal uma certa homogeneidade cultural aparente. [...] A força atractiva do Atlântico, esse grande mar povoado de tempestades e de mistérios, foi a alma da Nação e foi com ele que se escreveu a história de Portugal” [Jorge Dias, 1950, in 1990: 139 e 142]

A viragem Atlântica, determinada ecologicamente, é dita constituir a condição de sobrevivência de Portugal, face a Castela. Mas, para Jorge Dias, o estabelecimento de «*amarras tão fortes com outras terras e outras gentes*», no Atlântico e para além dele, estará orientado contra o Norte da Europa e contra o capitalismo nascente, a partir de uma maneira de ser especial, sincretizadora de uma multiplicidade etnogenética e aberta à multiplicidade das gentes.

“É muito natural, ou quase certo, que Portugal não teria sobrevivido, até hoje, como nação independente, se não tivesse ligado o seu destino ao mar, estabelecendo amarras tão fortes com outras terras e com as gentes, que Castela[...].” [Jorge Dias, 1968, in 1971: 38-39]

“A actividade portuguesa não tem raízes na vontade fria, [...] porque o Português é mais idealista [...] que homem de reflexão. [...] Quase nunca se verifica a acção precedida de cálculo interesseiro e frio.[...] Nunca soubemos separar o sonho da realidade, ao contrário do Inglês, que procede friamente, orientado pelo seu sentido prático. [...] Além disso, o desprezo pelo interesse mesquinho e o gosto pela ostentação e pelo luxo nunca nos permitiram o aproveitamento eficaz das grandes fontes de riqueza exploradas. Os tesouros passavam pelas nossas mãos e iam acumular-se nos povos mais práticos e bem dotados para os capitalizar, como os holandeses e os ingleses. Soubemos traficar, mas faltou-nos sempre o espírito capitalista.

[...] Ao contrário dos povos burgueses do Norte e Centro da Europa, o nosso luxo não é um requinte que resulte do conforto, é-lhe quase que o oposto, é mero produto da imaginação, e não dos sentidos. [...] É a sobreposição dos valores humanos ao lucro e ao utilitário que explica muitos capítulos da nossa história e que deixa compreender muitas formas da sociedade actual. Tal mentalidade é a negação do espírito capitalista.” [Jorge Dias, 1950: 145-148 e 155]

Fechado à Europa, sufocado por Castela, Portugal virou-se para outros continentes, em busca de aventura e glória mas, sobretudo, em busca de espaço identitário que lhe permitisse liderar, constituindo-se imaginariamente, para poder ser, como um anti-líder do capitalismo governado pelo «*interesse mesquinho*». Mas, mais do que o capitalismo, o Português inventou-se não só de costas para Castela mas de costas para o Colonialismo Britânico, expoente dos colonialismos capitalistas. Aqui, Jorge Dias é acompanhado por Mendes Corrêa, que o antecedeu na liderança da antropologia portuguesa.

“O Português foi [...] o colonizador que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos. Sociável e expansivo, não tinha a crueldade dogmática dos conquistadores do México e do Perú, nem a inflexibilidade de atitude do puritanismo anglo-saxão.” [Mendes Corrêa, 1937: 299]

Afectividade, sociabilidade, sensualidade e tendências assimilativas marcam o perfil identitário construído para os Portugueses pelos antropólogos do Estado Novo, acompanhando o ditador na missão de reconstruir, contra tudo e contra todos, uma identidade nacional que sentiam em perigo.

“[...] desde as inclinações e os afectos elementares até aos anseios religiosos mais ou menos vagos, mas quase sempre suaves e espontâneos, é a afectividade que regula em grau e sentido a maior parte das actividades intelectuais, volitivas e sociais dos portugueses. [...] Desde o aspecto amoroso que levou os colonizadores lusitanos à fusão com as raças nativas, até à preocupação espiritual, ao anseio do divino [...] o mestiçamento – facto bio-étnico – [...] testemunha perante os indígenas a ausência de preconceitos raciais da parte dos portugueses. O convívio com os nativos é uma das facetas mais simpáticas do carácter português. Deve ter influenciado enormemente nas boas disposições dos indígenas para com eles, em contraste com a antipatia, por vezes a aversão, que aqueles nutrem por colonos de outros países, aos quais repugnam – pelo menos ostensivamente e até legalmente – os contactos íntimos e cordiais com os indígenas” [Mendes Corrêa, 1950 in 1954: 33-34 e 47-50]

“A capacidade de adaptação, a simpatia humana e o temperamento amoroso são a chave da colonização portuguesa. O Português assimilou adaptando-se. Nunca sentiu repugnância por outras raças e foi sempre relativamente tolerante com as culturas e religiões alheias. A miscigenação portuguesa não tem só uma explicação sensual, embora a caracterize uma forte sexualidade.” [Jorge Dias, 1950: 146 e 156]

“A unidade étnica portuguesa, que resultou do caldeamento de várias sub-raças da raça caucasóide, a que vieram mais tarde misturar, em proporções variáveis, elementos de outras raças, como a negróide e a mongolóide, contribuíram para dar aos portugueses enorme plasticidade humana e invulgar sentido ecuménico.” [Jorge Dias, 1968: 39]

Fechado o Estado Novo, muitos outros ensaístas tentaram caracterizar, diferenciar, incensar ou acusar identitariamente os portugueses (Lourenço, 1978; Espírito Santo, 1984; Gil, 1988, 2004; Almeida, 2005; Prado Coelho, 2006; Medina, 2006; Oliveira Martins, 2007; etc.), em múltiplas direcções, mantendo a comparação, pelo menos indirecta, nomeadamente com os referentes norte-europeus. A pesquisa que apresentamos a seguir marca uma viragem e uma desidentificação com essa tendência ensaística que põe os intelectuais a falar em nome daqueles que silencia.

7. O Portugal Europeu visto pelos portugueses

A especulação identitária, o ensaísmo autoritário, a construção ideológica estatal, o marketing promocional fazem parte dos discursos do mundo, ensaiando ocultar e representar a opinião pública actual ou idealizada.

Contrariando a dimensão autoritária, manipulativa e ensimesmada desta tradição, propusémo-nos, pela primeira vez, dar voz aos portugueses (Bastos, 1995, 2000, 2002), procedendo ao levantamento das suas representações da identidade nacional, num quadro analítico de relações internacionais identitárias, no contexto da União Europeia. Para tanto, usámos uma metodologia não-ensaística, por um lado para testar os discursos da *intelligentia*, por outro lado para criar um instrumento de pesquisa e um quadro científico de análise dos sistemas de representações sociais identitárias, na sua complexidade multidimensional e na sua virtualidade comparativa, tanto sincrónica como longitudinal, independentemente do corpo de sujeitos e dos seus referentes serem estes ou outros e permitindo a replicabilidade que é uma das marcas distintivas do trabalho científico.

Podendo utilizar livremente um campo semântico potencial constituído por 98 traços ou expressões caracterizadoras, seleccionadas a partir de critérios previamente estabelecidos, uma amostra representativa dos portugueses vivendo na Península, em 1992 (N = 1.047), produziu representações de «*portugueses*», «*espanhóis*» e «*norte-europeus*» (eles próprios e os dois principais referentes identitários da história do país). Apresentamos aqui os perfis identitários respectivos, incluindo os 25 traços com mais elevada taxa de concordância e, no extremo oposto, tão significativo como o primeiro, os 8 traços com a mais baixa taxa de concordância (omitindo os 55 traços intermediários), de modo a visualizar os casos extremos.

A estratégia identitária dos portugueses surge bem definida, produzindo uma diferenciação extremada entre a sua auto-representação colectiva e a representação que atribuem aos seus «*outros*», de tal modo que só encontram um traço comum com os «*norte-europeus*» (e mesmo esse, muito periférico) e 4 traços em comum com os «*espanhóis*» (sendo que 3 deles são vistos como mais acentuados na hierarquia de traços da auto-representação nacional).

Um segundo aspecto desta estratégia, para além da extremada diferenciação, conduz à pejorativação extremada da representação atribuída aos «*espanhóis*»: dos 22 traços diferenciais em relação aos portugueses, 19 constituem uma gama alargada de defeitos, alguns deles muito graves, de acordo com a hierarquia dos juízos de valor dos próprios portugueses. O anti-castelhanismo primário revela-se aqui em toda a sua intensidade e crueza, como uma estratégia de criação de fronteiras identitárias extremadas (Barth, 1998). Face à diferença de poder material, a defesa da identidade fragilizada torna-se em acusação moral do «*outro*». (S. Bastos e J. Bastos, 2005b).

Finalmente, os «*norte-europeus*» não escapam incólumes, mas em vez da rejeição extremada recebem uma imagem decorrente da ambivalência retórica dos emissores, que vêem neles um conjunto ainda mais grave de defeitos, se bem que mais restrito, e um conjunto de traços idealizados que correspondem ao que «*era bom que os portugueses fossem, mas não são*» (um perfil ideal corrector da auto-representação da identidade nacional, decorrente da segunda questão que colocámos). Deste modo, os «*portugueses*» podem sonhar com vir a adquirir qualidades que sentem que lhes faltam, na competição identitária internacional, imaginando que podem isentar-se dos graves defeitos que atribuem a esses seus referentes ambivalentes, carregados de traços que os «*portugueses*» rejeitam (ou denegam) com veemência.

Três desses defeitos graves – ser «*arrogante*», «*agressivo*» e «*capaz de explorar as outras pessoas*» –, atribuídos tanto a «*espanhóis*» como a «*norte-europeus*», caracterizam bem o centro do sistema-mundo, baseado na força, no poder e na riqueza, tal como os portugueses o vêem e recusam moralmente, de tal forma que quando se auto-representam colectivamente, atribuem a esses 3 traços negativos as mais baixas de todas as taxas de concordância.

Por outro lado, a análise do extremo inferior mostra a permanência de uma codificação clássica da oposição entre «*norte-europeus*» (os vencedores identitários desta fase da história) e os mediterrânicos (aqui representados como «*portugueses*» e «*espanhóis*»): os «*norte-europeus*», dos quais se afirma que são «*racionalis*» e têm «*aptidão para ciências*» (o que está associado a serem vistos como «*frios*» e

«*calculistas*»), é suposto que, de uma forma extremada, são pouco ou nada «*religiosos*»; os Ibéricos, representados como «*religiosos*», teriam em comum, pela negativa, o terem muito escassa «*aptidão para ciências*».

8. O Portugal dos políticos

Na comparação identitária com as elites da «*civilização Ocidental*», ou «*Norte-Europeia*», os políticos portugueses vão desenvolvendo estratégias que visam esconder «*atrasos*» que consideram constituir a fonte dos sentimentos de inferioridade que acompanham a defesa da identidade nacional. Durante mais de 40 anos, a ditadura do Estado Novo manteve funcional um dispositivo de ocultação da vergonha focalizada sobre a figura dos «*vadios*» (S. Bastos, 1997), de tal modo que, só na Grande Lisboa, encarcerou, por vezes para toda a vida e sempre sem julgamento, mais de 57 mil pobres (sem abrigo, vendedores ambulantes, pedintes, alcoólicos, homossexuais, prostitutas e proxenetas, psicóticos, opositores políticos apanhados em delito de opinião, etc.). Noite após noite, a tristemente célebre Ramona cumpria as suas rugas, enchendo-se de mais umas dezenas de encarcerados no Albergue da Mitra, entregues aos cuidados supostamente «*regeneradores*» do «*Pai*» Capitão (um oficial da PSP) e da «*Mãe*» Joana (uma assistente social).

A partir da entrada para a União Europeia, seis novas estratégias foram sendo sucessivamente implementadas e, por vezes, sobrepostas. Inicialmente, para se recuperar do «*atraso civilizacional*», a estratégia do betão, enchendo Portugal de auto-estradas, para uso privilegiado dos turistas que constituíam, desde há décadas, uma das principais fontes de receita e o mais temido dos espelhos identitários. Numa fase seguinte, Portugal exportou o seu património cultural renascentista ou barroco para os grandes museus do norte da Europa e dos USA (*Europália*, etc.), procurando impressionar com a exibição artística do passado glorioso aqueles que julgavam que Portugal era apenas um país de imigrantes de pé-descalço. Em anos recentes, continuando uma linha já anteriormente explorada (desde os tempos de Eusébio e dos «*Magriços*» de 1966), Portugal recorreu às «*glórias*» desportivas para poder passar a invocar um presente virado para o futuro, associando glórias do atletismo (Carlos Lopes, Fernando Mamede, Rosa Mota, etc.) aos novos sucessos nesse e noutros desportos e, sobretudo, como sempre, no futebol (Europeu de 2004, José Mourinho, Luis Figo, Cristiano Ronaldo, etc.), agora com uma estratégia melhor definida de importação estratégica de treinadores e atletas (Scolari, Deco, Obikwelu, etc.). Em simultâneo, foi proclamada a paixão pela educação e, mais recentemente, o investimento na formação profissionalizante e na prossecução de estudos superiores, na captação e promoção de investigadores em todas as áreas, bem como na creditação de habilitações informais obtidas na experiência profissional. Mais recentemente, já durante o Governo socialista, Portugal entrou na era do «*orgulho tecnológico*», ensaiando capitalizar alguns inventos e progressos estatísticos na área da informática (a via verde nas auto-estradas, etc.) e dando destaque interno a grandes investimentos nessa área, nomeadamente oferecendo milhares de computadores a alunos e professores, promovendo a simplificação administrativa pelo recurso sistemático à informática (programa «*Simplex*») e constituindo parcerias com algumas das mais afamadas Universidades Norte-americanas, em áreas tecnológicas (*MIT*, *Austin*, *Carnegie Mellon*, etc.) A fase mais recente, ainda mais imaterial, ensaia investir directamente no marketing identitário, tal como veremos adiante.

9. Portugal nas mãos do marketing identitário

«*Perfeito, perfeito era passarmos à frente de Espanha*»

O Marketing identitário não é apenas uma tarefa do Estado, orientada para alterar a imagem dos portugueses no contexto internacional e para atrair mais turistas. Grandes empresas privadas competem entre si, recorrendo ao Marketing identitário e manipulando identificações regionais e internacionais.

A competição nacional entre os dois grandes Impérios de produção de bebidas leva ao lançamento de sucessivas campanhas, de entre as quais destacamos uma delas, ainda em curso, que parte do slogan «*Perfeito, perfeito era...*» e mudando constantemente o referente, consoante as épocas e os contextos locais. No conjunto, um cidadão comum identifica com facilidade esta série e frui dos trocadilhos e alusões

que, quase sempre, vão ao encontro de exigências populares escassamente viabilizadas mediaticamente, por diferentes razões (escassez de movimentos cívicos, censura associada à manutenção do «*politicamente correcto*», etc.).

O grande *outdoor* que apresentamos esteve colocado apenas na Avenida dos Combatentes, que sai da Praça de Espanha (onde está situada a Embaixada espanhola), enuncia, jogando na ambiguidade, que «*perfeito, perfeito, era deixarmos Espanha para trás*». Trata-se de uma mensagem de desejo que, caso se referisse à Praça de Espanha, acabava de ser realizada. No entanto, qualquer português percebe, de imediato, que a referência não é espacial mas identitária.

A Espanha emerge uma vez mais como o principal referente da competitividade identitária dos Portugueses, sobretudo numa época em que, de há duas décadas para cá, se vem claramente distanciando economicamente e ocupa uma posição cada vez mais destacada e competitiva a nível europeu, deixando Portugal para trás.

A dimensão agonística e moralmente acusadora da competição identitária anteriormente detectada em ensaístas, em manifestações populares e na nossa pesquisa, agora assumida numa campanha publicitária a cervejas, uma vez desdramatizada pela sua transferência para o nível onírico, torna-se agora num jogo de palavras com inúmeras alusões, associada ao reforço da mais central das ilusões históricas.

10. «*Portugal, Europe's West Coast*»

É igualmente na ilusão identitária que joga a mais recente campanha de marketing identitário encomendada e paga pelo Ministério da Economia, também ela já nas ruas e em revistas internacionais, pretendendo uma vez mais influenciar o turismo dos países do centro do sistema-mundo, encaminhando-o para Portugal.

O facto mais inovador da campanha, a nível manifesto, tem a ver com o modo como critica as duas campanhas anteriores, acusando-as de nos associar ao Mediterrâneo ou de contribuir para o isolamento do país. A campanha «*Warm by Nature*» é acusada de reforçar a distância identitária aos Norte-Europeus a qual, segundo os especialistas, deveria ser diminuída com uma estratégia muito diferente, de aproximação identitária àqueles e de distanciamento identitário em relação ao Mediterrâneo. A aproximação à Natureza e ao Sul, isto é, ao Mediterrâneo e ao Sol seria duplamente negativa: acentuaria subliminarmente a ideia de pobreza e preguiça (atraso) associada ao Mediterrâneo, em geral e, nesse contexto, colocar-nos-ia em desvantagem, porque seríamos os últimos, adentro dessa categoria turística.

«Portugal é considerado na Europa, país do Sul, como a Espanha, a Itália e a Grécia. Ora o Sul é precisamente o “filtro” que precisa ser substituído. Para perceber melhor, vejamos as boas e más coisas do Sul. Sem ser exaustivo, digamos que o Sul tem bom tempo, calor, gente simpática, boa comida, paz, esplanadas e dolce far niente; e tem subdesenvolvimento, gente pobre e iliterada, corrupção e os indicadores estatísticos de miséria.

O que é bom, Portugal tem mais ou menos tudo o que tem o Sul mas nunca melhor. Sempre igual ou pior: basta comparar o Mediterrâneo quente e calmo, ao nosso mar frio e turbulento, as noites quentes e húmidas, às nossas nortadas. Quer queiramos quer não Portugal não é um país mediterrânico. É um país tipo mediterrâneo (do mesmo modo que algum queijo é tipo serra) e, se insistirmos em imitar, perdemos.» [guião da campanha *Europe's West Coast*, BBDO]

Na mesma linha, esta nova estratégia criticou a imediatamente anterior, com o slogan «*Take a Break of the Rest of the World*», acusada de promover, em vez de «*más companhias*», o isolacionismo nacional.

O ICEP resolveu aproveitar as guerras e epidemias que graçam o mundo para atrair o turista, promovendo uma campanha que diz “*Take a break from the rest of the world*”. Ora porque a mim estas me parecem más ideias, resolvi propor outra. Para começar há que ter em conta que o turismo português e Portugal, não sendo entidades separadas, não devem ser tratadas como tal. Quando se remata a oferta turística com a sugestão “*Take a break from the rest of the world*” não está apenas a dizer-se que no Algarve

há paz, que o interior é pacífico ou que a Madeira é um oásis livre de guerras. O que se diz também é que Portugal é um país à margem, longe dos grandes acontecimentos e por isso ótimo para passar uns dias de descanso. O que sendo bom para os tais dias de descanso, não é para a ideia com que se fica de Portugal. Será que um país à margem, longe de tudo e de todos, sem cosmopolitismo, sem mundo, parado, é o que os portugueses e o Governo querem? Será isto bom para o investimento e exportações, para os criadores e criações portuguesas e para a afirmação de Portugal no mundo? Claro que as perguntas são retóricas. Claro que quando o primeiro-ministro disponibiliza os Açores para a cimeira da guerra, está a juntar Portugal ao mundo. Claro que quando se organiza o Euro 2004, não se está à margem do mundo mas é-se, na altura, o próprio mundo. Por isso Portugal não pode, nem deve dizer *“Take a brake from the rest of the world”*. Se *“um país à margem”* é o benefício que o turista procura em Portugal escolhe como estratégia não o desiludir, então estaremos a condenar Portugal a colónia de férias e os portugueses a empregados de hotelaria. [*idem*]

Tomando como fulcro não aceitar que *«a ideia com que se fica de Portugal»*, seja a imagem de uma *«colónia de férias»* o que *«condenaria»* os Portugueses a serem vistos como *«empregados de hotelaria»*, os autores do guião apostam numa estratégia de singularização e de associação à Costa Oeste (da Europa e dos Estados Unidos, isto é, a uma Califórnia da Europa), com clara distanciação do Sul (Espanha, Marrocos, África).

Lê-se no título de um famoso livro de marketing *“Differentiate or die”*. É o que há a fazer. Criar uma categoria só para nós, que faça sentido para Portugal, para a nossa oferta e para o consumidor. Uma categoria onde os outros não possam concorrer. Temos que sair do Sul. Coisa que, parecendo difícil, não é: se olharmos o mapa da Europa, vemos Portugal a Sul mas também a Oeste. Escolhamos então o Oeste pois foi este o sítio que a História nos destinou. Esta Ocidental Praia Lusitana é também uma Ocidental Praia Europeia. O que proponho então como *“novo filtro”* é o West e a solução comunicar Portugal como a *Europe’s West Coast*. [*idem*].

Vincular Portugal ao *«West»* e a uma *«West Coast»* visaria *«sair do Sul»* e associar Portugal à Califórnia e a estilos alternativos de vida, bem como à Europa *«mais avançada»*, suscitando associações *«aspiracionais»*, *«temperadas com história, civilização, “cachet”»*.

Europe’s West Coast trás consigo todo um imaginário relacionado com a *West Coast* americana, compatível com as percepções boas do Sul. A praia, a vida colorida, o surf, as esplanadas, a tolerância e os estilos de vida alternativos, o tempo ameno, o sol que se põe no mar, o golfe. Na *Europe’s West Coast* os benefícios do Sul já vêm incluídos mas o conceito traz mais. Traz associações *“aspiracionais”* - Hollywood ou Silicon Valley, por exemplo - que sem nada termos que fazer contaminam o conceito positivamente, tornando-o mais glamouroso e mais cosmopolita. Depois há as pontes e colinas de Lisboa e S. Francisco, o Vale do Douro e o Napa Valley, a aridez da Baja Californiana e o nosso Alentejo, coincidências felizes que é só aproveitar. O West é também um lugar mítico, um lugar de sonhos onde a terra *“desagua”* no mar, para onde se vai mudar de vida. Por fim, de um ponto de vista político, o West tem sido sinónimo de desenvolvimento e democracia. Ao sermos West beneficiamos destas associações e saímos do Sul. Mas o conceito tem outro ângulo que o torna mais poderoso: *Europe. Não somos uma West Coast qualquer, uma West Coast de imitação: somos a Europe’s West Coast*. Faz acreditar que todas estas associações são temperadas com história, civilização, *“cachê”*. A mesma história e civilização que ajudámos a construir saindo para... West.. [*idem*]

Associar Portugal ao *«West»*, a uma *«West Coast»* implicaria igualmente mostrar o que de melhor e mais avançado existe em Portugal, por um lado, apostando novamente em figuras jovens cuja saliência se deve ao futebol mas também em cientistas, arquitectos ou artistas de duvidosa saliência internacional e, por outro lado, promovendo a associação entre natureza (mar, praia, sol), tecnologia e conservação do ambiente (energias limpas, renováveis).

O invocado cosmopolitismo é uma vez mais sacrificado (não são, por exemplo, apresentadas figuras científicas, literárias ou políticas com destaque internacional, como Durão Barroso, António Guterres, António

Damásio, José Saramago, Paula Rego ou Siza Vieira) e, pretextando a inovação identitária, repetem-se os mesmos erros de sempre, recarregando a imagem de um País em que se afirma que aquilo que há de melhor ou está no futebol (Mourinho, Ronaldo) e no atletismo (Vanessa Fernandes, Nelson Évora) ou em «*figuras culturais*» mais caseiras do que internacionais.

Este movimento regressivo torna-se patente e assume a sua forma mais delirante quando, com uma argumentação historicista não muito sofisticada, surge a proposta de abandonar a bandeira nacional, verde e vermelha, supostamente com conotações africanas, substituindo-a por algo a meio caminho entre a bandeira da União Europeia e a bandeira monárquica da segunda metade do século XIX. A fantasia monárquica é passada subliminarmente através da escolha (aliás pouco feliz graficamente) do contraste entre o azul claro e o branco.

Razões invocadas: mais uma vez, a fobia do Sul, «*atrasado*» ou pobre: “*As cores são as mesmas da maior parte das bandeiras africanas. Cores que nos empurram ainda mais para sul.*” [idem]

11. Conclusão - «*Perfeito, perfeito, era ser... aceite e admirado por todos*»

Os processos e estratégias identitárias surgem como causa e efeito da estrutura histórica do sistema-mundo. A nossa investigação permitiu demonstrar o peso das tendências egocêntricas e etnocêntricas que os dinamizam. O que implica que os discursos identitários são construções retóricas, nem verdadeiras nem falsas, com um componente delirante (como é típico de todas as construções culturais e identitárias, das religiões às ideologias políticas), simultaneamente defensivo, agressivo e megalómano.

Enquanto indivíduos, os sujeitos enunciativos auto-representam-se como «*mais avançados*», como mais abertos a identidades internacionais (isto é, como mais cosmopolitas) e como modelos civilizacionais daquilo que os seus conterrâneos, como conjunto, «*deviam ser, mas não são*». E representam sistematicamente os seus grupos de pertença como melhores do que os grupos com que se comparam e ensaiam competir. No caso dos Portugueses, moralmente, na medida em que quando não é possível competir no nível material do poder, da chefia e da riqueza, torna-se vantajoso denegrir e acusar colectivamente os povos momentaneamente melhor sucedidos material e politicamente.

Contra os que, no centro do sistema-mundo, defendem que a superioridade material e a superioridade moral vão a par (porque é isso que lhes convém acreditar, *pro domo sua*), os portugueses (e muitos outros, nomeadamente Mediterrânicos e Africanos) defendem-se identitariamente, introduzindo uma clivagem incontornável entre superioridade material (a dos outros) e superioridade moral (a sua), com uma argumentação que encontra o seu paralelo discursivo em textos como os de Orlando Ribeiro, Jorge Dias e Mendes Corrêa, atrás apresentados.

Se os Portugueses não escapam à retórica da busca da superioridade identitária, no entanto, a pluralização das estratégias identitárias dos Portugueses mostra bem que «*perfeito, perfeito, era ser aceite e admirado por todos*», numa estratégia mais superficial e diplomática em que até os castelhanos podem ser tornados «*nuestros hermanos*». Trata-se, obviamente, de uma estratégia oportunista e descomprometida, a mesma com que fazemos declarações de amor à União Europeia, ao Mediterrâneo, à África, ao Brasil, à Aliança Atlântica ou à Civilização Ocidental, escondendo as nossas ambições mais secretas e irrealistas e alinhando aliás numa hipocrisia política que tem inúmeros cultores e peca apenas pela necessidade de, para reinventar a coesão interna e o orgulho nacional em perigo, inventar, atacar e humilhar «*inimigos*» da «*nossa civilização*» (Huntington, 2004: 19-20 e 262-264).

Bibliografia

Almeida, José Carlos de (2005) – *Celebrar Portugal. A Nação, as comemorações públicas e as políticas de identidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Barth, Fredrik (1998) – *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*. Prospect Heights, Ill: Waveland Press, Inc.

Bastos, José (1995) – «*Portugal, minha Princesa*», Tese de Doutoramento em Antropologia Social e Cultural. Lisboa: FCSH/UNL, 2 volumes, 1.005 pags., mimeo.

Bastos, José (2000) – *Portugal Europeu. Representações identitárias dos Portugueses*. Oeiras: Celta.

Bastos, José (2002a) – “Portugal in Europe. The International Identity Strategies of the Portuguese”, in Beltrám, Luis, Javier Maestro e Liisa Salo-Lee (eds.) *European peripheries in Interaction. The Nordic Countries and the Iberian Peninsula*. Alcalá: Universidad de Alcalá, pp. 223-247.

Bastos, José (2002b) – “Eppur si muove: introdução a uma antropologia dos processos identitários”, in J. Bastos (edit.) ‘Antropologia dos processos identitários’ (número temático), *Ethnologia*, Nova Série, 12-14. Lisboa: FCSH e Fim de Século: 11-35.

Bastos, José (2006) – «Identity», in Penninx, R., M. Berger and K. Kraal (eds) *The dynamics of migration and settlement in Europe. A State of the Art*. IMISCOE Joint Studies. Amsterdam: Amsterdam University Press, 202-210.

Bastos, José (2010) – “Different Children of Different Gods: a structural-dynamic approach to using religion in processes of differentiated social insertion”. In Westin, C., Bastos, J., Dahinden, J. & P. Góis (eds.) *Identity Processes and Dynamics in Multiethnic Europe*. IMISCOE Series. Amsterdam: Amsterdam University Press, 279-311.

Bastos, José (2012) – “A questão cigana: portugueses ciganos e ciganofobia em Portugal”, in J. Bastos (edit.) *Portugueses ciganos e ciganofobia em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri & CEMME / CRIA-FCSH, 337-389.

Bastos, José (2013) – *Para uma Antropologia dos Processos Identitários. Critérios, estratégias, Primeiros resultados / Towards an Anthropology of Identity Processes. Criteria, Strategies, First Results*. Lisboa: Colibri e FCSH/UNL, edição bilingue.

Bastos, José (2014) – “Da etnografia colonial à análise-estrutural-dinâmica de um campo de relações inter-étnicas”, in M. O. Santos, R. Petrus, H. P. Neto & C. Gomes (orgs.) *Caminhos da Migração: memória, estratégia, conflitos*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 135-153.

Bastos, José (2014) – “Da investigação por objectivos à antropologia dos processos identitários: um ponto de vista transdisciplinar e integrativo”, in *Etnográfica*, Vol, 18, Nº 2, Lisboa: CRIA, Junho 2014, 341-364.

Bastos, José e Susana Bastos (1999a) – *Portugal Multicultural. Situação e estratégias identitárias das minorias étnicas*. Lisboa: Fim de Século.

Bastos, José e Susana Bastos (1999b) – *Portugal Regional. Relatório de investigação*. Lisboa: FCSH, mimeo.

Bastos, José e Susana Bastos (2000) – “«Quanto mais modesto mais português». Contribuição para o reequacionamento da antropologia urbana à luz de uma antropologia dos processos identitários”, In Susana

Bastos (edit.) 'Antropologia urbana' (número temático), *Ethnologia*, 9-11: 13-49. Lisboa: FCSH e Cosmos.

Bastos, José e Susana Bastos (2010) – “What are we talking about when we talk about identity”, in Westin, C., Bastos, J., Dahinden, J. &, P. Góis (eds.) *Identity Processes and Dynamics in Multiethnic Europe*. IMISCOE Series. Amsterdam: Amsterdam University Press, 313-358.

Bastos, José, André Correia e Elsa Rodrigues (2007) – *Sintrensos Ciganos. Uma abordagem estrutural-dinâmica*. Sintra: CMS.

Bastos, Susana (1997) – *O Estado Novo e os seus Vadios*. Lisboa: Dom Quixote.

Bastos, Susana e Bastos, José (2005a) – “«Our Colonisers Were Better Than Yours»: Identity Debates in Greater London”, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 31 (1), 79-98.

Bastos, Susana e Bastos, José (2005b) – *Filhos Diferentes de Deuses Diferentes. Manejos da religião em processos de inserção social diferenciada: uma abordagem estrutural-dinâmica*. Lisboa: Observatório da Imigração.

Bastos, Susana e Bastos, José (2007) – “‘The Blood of a Muslim is Worthless, After All.’ Identity Debates between Portuguese and British Sunnis in Leicester”, in Tiessler, N. (edit.) 'Islam in Portuguese-speaking Areas' (Thematic Issue), *Lusotopie*, XIV (1). Leiden: Brill: 271-285.

Bastos, Susana e Bastos, José (2008) – “Family Dynamics, Uses of Religion and Interethnic Relations within the Portuguese Cultural Ecology”, in Ralph Grillo (edit.) *Debating Cultural Difference: Immigrant Families in Multicultural Europe Family*, IMISCOE Series, Amsterdam: Amsterdam University Press.

Bidarra, Pedro (2003) – “Europe’s West Coast”, in *Público*, 28 de Agosto.

vistasnapaisagem.weblog.com.pt/arquivo/2003/09/europes_west_co.html - 14k -

Bidarra, Pedro (2007) *Europe’s West Coast*, BBDO.

bbdo.innovagency.com/bbdo_destaque_00.asp?destaque=%7BF62D4A1-1954-4313-BF13-F0162F7498E4%7D - 43k

Dias, Jorge (1953) – “Os elementos fundamentais da cultura portuguesa” [1950], in *Actas do 1º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Washington: Nashville: 51-65.

Dias, Jorge (1968) – “O carácter nacional português na presente conjuntura”, in *Estudos do carácter nacional português*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1971.

Espírito Santo, Moisés (1984) – *A religião popular portuguesa*, Lisboa: A Regra do Jogo.

Gay e Blasco, Paloma (1999) – *Gypsies in Madrid. Sex, Gender and the Performance of Identity*, Oxford, New York: Berg.

Gil, José (1988) – “Notas para a aplicação do modelo da ‘luta das invejas’ ao caso português”, in *Corpo, Espaço e Poder*, Lisboa: Litoral: 357-370.

Gil, José (2004) – *Portugal, Hoje: O medo de existir*, Lisboa: Relógio de Água.

Huntington, Samuel P. (2004) – *Who Are We? The Challenges to America’s National Identity*, New York: Simon & Schuster.

Lautensach, Herman (1932) – “As bases históricas e psico-sociais da geografia humana de Portugal”, in

O. Ribeiro, H. Lautensach e S. Daveau , *Geografia de Portugal*, 1996, III: 641-643. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Lourenço, Eduardo (1978) – *O Labirinto da Saudade. Psicanálise mítica do povo português*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 3ª edição.

Medina, João (2006) – *Portuguesismos*, Lisboa: Centro de História / Dinalivro.

Mendes Corrêa, António (1937) – “Conferência”, in *Raça e Valores Morais*. Lisboa

Oliveira Martins, Guilherme de (2007) – *Portugal, Identidade e Diferença. Aventuras da Memória*, Lisboa: Gradiva.

Osório de Oliveira, José (1934) – “Psicologia de Portugal, in *Psicologia de Portugal e outros ensaios*. Lisboa: Edições Descobrimentos, 15-36.

Osório de Oliveira, José (1944) – “O carácter português”, in *Exame da vida portuguesa*. Lisboa: Ed. do Ultramar.

Pina Cabral, João (1991) – *Os contextos da Antropologia*, Lisboa: INCM.

Prado Coelho, Eduardo (1993) – “Intervenção”, in Santos Silva, A. & Oliveira Jorge, Vítor (eds.) *Existe uma cultura portuguesa?*, Porto: Afrontamento.

Prado Coelho, Eduardo (2006) – *Nacional e transmissível*, Lisboa: Guerra e Paz.

Ribeiro, Orlando (1987) – *Mediterrâneo, Tradição e Ambiente* [1943], Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2ª edição.

“Nova campanha de Super Bock Sem ,cool Sabores” com Joana Freitas

<http://www.lpmcom.pt/index.php/comunicados/1114-nova-campanha-de-super-bock-sem-cool-sabores-com-joana-freitas->

**PORTUGAL NA EUROPA - AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS
IDENTITÁRIAS DOS PORTUGUESES**

T. C.	«PORTUGUESES»	T. C.	«N-EUROPEUS»	T. C.	«ESPANHOIS»
	<i>*Eu, português, digo que os portugueses, tipicamente, são...*</i>		<i>*Eu, português, digo que os norte-europeus, tipicamente, são...*</i>		<i>*Eu, português, digo que os espanhóis, tipicamente, são...*</i>
57.8	religioso [E]	43.3	frio [d]	36.4	agressivo [NE] [d]
55.4	alegre [E]	39.5	organizado	34.4	falador [P]
55.2	aventureiro	31.9	metódico	32.4	desconfiado [d]
53.7	sonhador	29.8	seguro de si	32.0	Provocador [d]
52.1	sentimental	28.1	amante da limpeza	29.9	Oportunista [d]
49.1	pacífico	27.5	dominador	29.6	trapaceiro [d]
48.8	adaptável	27.4	racista [d]	27.9	indisciplinado [d]
47.2	falador [E]	26.5	activo	27.7	arrogante [NE] [d]
46.4	de boa fé	25.6	calculista	26.9	egoísta [d]
46.3	modesto	25.3	com aptidão par ciências	26.9	rebelde [d]
44.8	económico	25.1	arrogante [E] [d]	26.5	Invejoso [d]
42.7	dedicado	25.1	dinâmico	24.6	intriguista [d]
42.5	curioso	23.8	racional	24.1	alegre [P]
42.5	leal	23.1	prático	23.9	teimoso [d]
42.5	sensível	22.7	prudente	22.9	ciumento [P] [d]
41.4	com desejo de agradar	21.8	agressivo [E] [d]	22.4	nervoso [d]
39.8	terno	21.3	não se descontrola nas dificuldades	22.2	sujo [d]
39.1	com sentido do humor	20.6	reservado	21.2	capaz de explorar os outros [NE] [d]
39.0	ciumento [E] [d]	19.0	capaz de iniciativas	21.0	insolente [d]
38.4	paciente	18.6	c/ ap. p ^a a política	20.8	presunçoso [d]
38.1	saudosista	18.4	delicado	20.0	impulsivo
38.0	ambicioso [NE]	17.6	capaz de explorar os outros [E] [d]	19.4	expansivo
37.7	confiante nos outros	17.6	com muito brio	18.8	religioso [P]
36.8	serviçal	15.9	ambicioso [P]	17.6	avarento [d]
36.7	cativante	15.6	triste [d]	17.2	contraditório supersticioso [d]
Defeitos = 1		Defeitos = 6		Defeitos = 20	

Figura 1 - Quadro metodológico acerca das relações internacionais identitárias dos portugueses.

**PORTUGAL NA EUROPA - AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS
IDENTITÁRIAS DOS PORTUGUESES**

	«PORTUGUESES»		«NORTE-EUROPEUS»		«ESPANHOIS»
T. C.	«Nós, portugueses, dizemos que os portugueses, tipicamente, são muito pouco...»	T. C.	«Nós, portugueses, dizemos que o norte-europeus, tipicamente, são muito pouco...»	T. C.	«Nós, portugueses, dizemos que os espanhóis, tipicamente, são muito pouco...»
9.7	presunçoso [E]			3.4	temo [P]
8.7	provocador [E]	2.6	submisso	3.4	com aptidão para línguas
7.7	c/ apt. para ciências [NE]	2.6	com necessidade de amigos	3.1	leal [P]
7.6	insolente [E]	2.4	falador [E - P]	2.7	sensível [P]
7.2	frio [NE]	2.1	sonhador [P]	2.4	confiante nos outros [P]
7.2	agressivo [NE - E]	1.8	com desejo de ter filhos	2.1	amante da limpeza [NE]
6.7	racista [NE]	1.5	imitador	2.0	com ap. p ^a ciências [NE]
6.4	arrogante [NE - E]	1.4	religioso [P - E]	1.8	de boa fé [P]

Figura 2 - Quadro metodológico acerca das relações internacionais identitárias dos portugueses.



Figura 3 - Fotografia de um grande *outdoor* que esteve colocado apenas na Avenida dos Combatentes (onde está situada a Embaixada espanhola) enunciando «Perfeito, perfeito, era deixarmos Espanha para trás».

Portraits from the
West Coast of Europe
by Nick Knight

José Mourinho,
Football coach

Portugal
Europe's West Coast

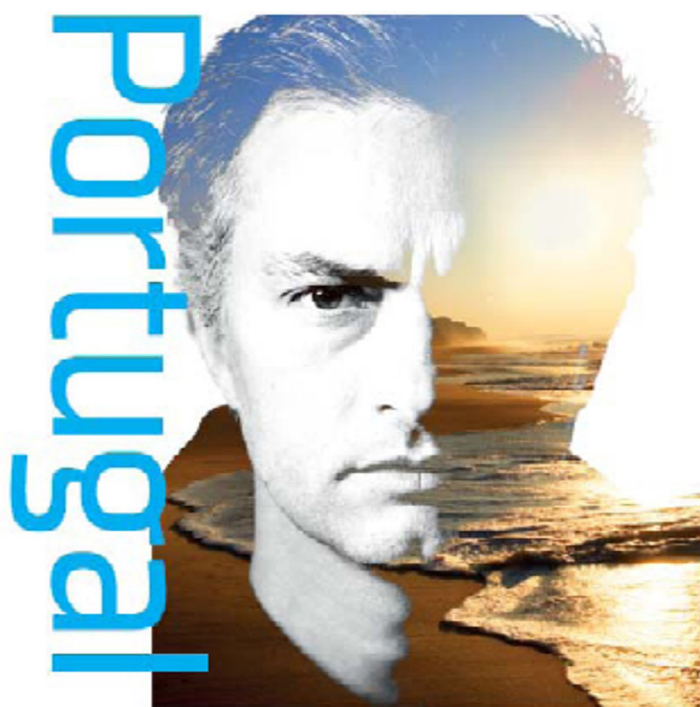


Figura 4 - Cartaz que apresenta Portugal como a “*Europe’s West Coast*” usando como imagem de marca o internacionalmente famoso treinador de futebol português, José Mourinho.



Figura 5 - Cartaz que apresenta Portugal como a “*Europe’s West Coast*” e que usa como imagem de fundo uma das maravilhosas praias da costa portuguesa.

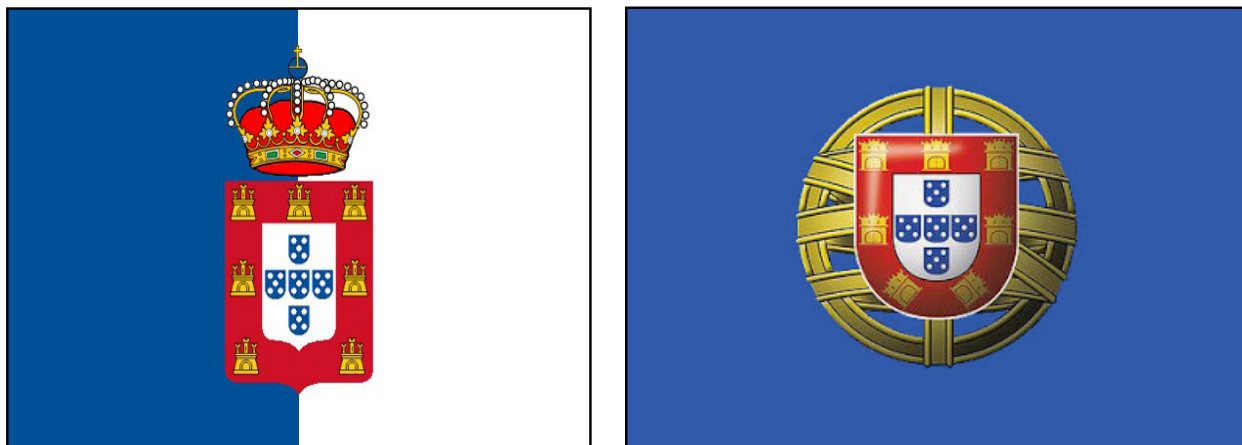


Figura 6 - Imagens representativas da proposta de substituição da bandeira nacional por uma mistura entre a bandeira da União Europeia e a bandeira monárquica da segunda metade do século XIX.



Figura 7 - Imagem do internacionalmente conhecido jogador de futebol português, Luís Figo, usando uma t-shirt em que aparece a representação da costa portuguesa como a "Europe's West Coast".